



Metaneurologia

Há um "cérebro" além do "cérebro"

Nubor Orlando Facure

Metaneurologia

Há um “cérebro” além do cérebro

Nubor Orlando Facure

2016

1

Metaneurologia

Há um "cérebro" além do cérebro

Nubor Orlando Facure

Data da publicação: 16 de dezembro de 2016

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cíntia Cortegoso e Astolfo O. de Oliveira Filho

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Facure, Nubor Orlando.
F129m	Metaneurologia - Há um "cérebro" além do cérebro / Nubor Orlando Facure; revisão de Astolfo Olegário Oliveira Filho e Cíntia Cortegoso; capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR: EVOC, 2016. 63 p.
	1. Mediunidade. 2. Espiritismo. 3. Cérebro. 4. Vidas passadas. 5. Hipnose. I. Cortegoso, Cíntia. II. Oliveira Filho, Astolfo Olegário III. Barbeiro, Cláudia Rezende. IV. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Sumário

- Apresentação, 4
- Capítulo I - Nossas múltiplas personalidades, 7
- Capítulo II - Na escala do tempo, 11
- Capítulo III - Memória extracerebral, 13
- Capítulo IV - Transições para novos paradigmas, 17
- Capítulo V - A audição, 20
- Capítulo VI - A visão, 23
- Capítulo VII - Uma visão espiritual do cérebro, 26
- Capítulo VIII - Vivências parapsíquicas, 37
- Capítulo IX - A visão do duplo, 40
- Capítulo X - O que há entre nós e o mundo?, 43
- Capítulo XI - Estudando o cérebro, 45
- Capítulo XII – Consciência, 52
- Capítulo XIII - Estou sonhando, 54
- Capítulo XIV - Navegação astral, 57

Apresentação

Este livro, ora publicado pela **EVOC – Editora Virtual O Consolador**, é de autoria do médico e professor Nubor Orlando Facure, autor de inúmeras obras, entre elas os e-books **Mediunidade, um ensaio clínico** e **"Causos" espíritas do Dr. Nubor Facure**, também publicados pela EVOC. O autor reside na cidade de Campinas (SP).

Dr. Nubor Orlando Facure completou recentemente 50 anos de trabalho médico na área de Neurologia e Neurocirurgia.

Natural de Uberaba, iniciou-se como espírita junto com sua família a partir de 7 anos de idade, tendo convivido com vultos ilustres que praticavam a Doutrina Espírita naquela época, antes da chegada de Chico Xavier à cidade de Uberaba.

As reuniões literomusicais e o Círculo de Estudos no Centro Espírita Uberabense serviram de cadinho para moldar seus conhecimentos dentro das instruções de Allan Kardec. Posteriormente, a convivência próxi-

ma com o trabalho do médium Chico Xavier complementou sua formação espírita.

A entrada na Faculdade de Medicina e sua especialização em Neurologia permitiram-lhe o encontro com milhares de seres humanos comprometidos com o sofrimento que as doenças neurológicas quase sempre provocam.

Há séculos o dilema cérebro e mente tem motivado divergências entre a proposta monista – o cérebro produz a mente – e a dualista, segundo a qual a mente é uma entidade imaterial independente do cérebro.

Na atualidade, o meio acadêmico conservador defende a mente como um subproduto da atividade das assembleias de neurônios.

Para entender o desconforto desse debate foi introduzido mais uma dificuldade: onde estaria a consciência e o que a produz?

Este é um dos temas centrais da presente obra, na qual o autor objetiva o deslocamento de uma barreira, transpondo uma fronteira e acessando uma outra dimensão, um outro ambiente de processamento e conexões, saindo do domínio físico para o espiritual, do corpo físico para o corpo espiritual, mas não como uma quimera e, sim, revelando as experiências psíquicas que demonstram a existência de um cérebro espiritual para além do cérebro físico.

Trata-se de uma discussão no ambiente físico-químico do cérebro físico que, aparentemente, se a

Ciência oficial não se abrir à metafísica, nunca se resolverá por completo.

Somente o reconhecimento desses fatos evidencia a importância desta obra.

Capítulo I

Nossas múltiplas personalidades

A neurologia em outras dimensões da vida

Antes da Teoria Heliocêntrica de Copérnico, a Terra era um astro único que ocupava o centro do Universo.

Antes da Teoria da Evolução de Charles Darwin, o Homem fora criado por Deus para ser o único a desfrutar da razão e dos sentimentos.

Hoje temos, ainda, o Homem, enquanto ser biológico, como possuidor de um único corpo e uma única personalidade – paradigma que está sendo superado, como o foram o Geocentrismo e o Criacionismo –, mas podemos perscrutar nossa multiplicidade.

Métodos de avaliação

São os estudos experimentais e os de observação clínica que nos permitem constatar a ocorrência de outras vivências ou experiências de vida para todos nós:

1 - Hipnose

Esta técnica pode elicitar percepções extrassensoriais como a clarividência, a clariaudiência, a visão a distância e memórias extracerebrais, entre outras. A vantagem de tal método é que ele é experimental e pode submeter-se à direção que lhe dá o examinador – permite, pois, a repetição dos testes e sua comprovação material.

O indivíduo hipnotizado é, antes de mais nada, um sujeito que acata as sugestões de uma pessoa treinada em trabalhar com essa técnica, e nessas condições ele pode ser levado a ter visões a distância, descrições de cenas fora do ambiente onde está, e ainda revelar uma memória extraordinária.

A personalidade que o hipnotizado tinha em uma vida anterior pode ser reproduzida com total fidelidade, e não só uma como múltiplas serão identificadas pelo conhecimento que acumulava na época, sua postura, seu comportamento, as memórias e descrição detalhada do ambiente onde viveu.

2 – Regressões de vivências passadas

Permite acesso a outras experiências de vida em possíveis encarnações anteriores. São costumeiramente espontâneas, mas sem comprovação material na maioria de suas descrições. Quem experimenta essas vivências tem convicção absoluta de que é ela realmente quem estava lá, naquele ambiente revivido, desfrutando de outra personalidade.

3 – Mediunidade

Este é o melhor método de constatação da existência de outras inteligências entre nós – são as “mensagens espíritas”, que se obtêm com extrema facilidade no Brasil –, mas sua ocorrência é mais ou menos aleatória, não obedece ao controle de um examinador e infelizmente está sujeita a frequentes mistificações. De certa forma, permite a comprovação material da sua ocorrência. O médium pode ser, também, um observador privilegiado. Alguns, dotados da faculdade mediúnica de vidência, são testemunhas visuais do ambiente espiritual onde estamos mergulhados, sofrendo interação e influências dos Espíritos que nos cercam. São esses médiuns que nos trazem relatos surpreendentes acerca de experiências que tivemos em outras vidas.

4 – Sonhos lúcidos

São ocorrências mais comuns do que se imagina. Contudo, ainda não aprendemos a estudá-los de modo

sistemático – sua comprovação exige controle estatístico; um único sonho pode ser verdadeiro e muitos, mesmo que sejam repetitivos, não o são. A literatura inglesa sobre fenômenos psíquicos relata com fartura essas ocorrências com confirmação material. É nesses sonhos que, ocasionalmente, encontramos parentes, amigos, comparsas ou desafetos que se associaram a nós em vidas anteriores.

Lição de casa:

Sempre me pareceu que Sócrates estava incompleto:

O “conhece-te a ti mesmo” seria melhor dito “descubra tudo que você já foi” ou, como ensina um “Espírito amigo”: “Posso não saber o que fui, mas, pelo que sou hoje, posso imaginar o que fiz no passado”.

Capítulo II

Na escala do tempo

A fixação no passado ou estar além do seu tempo

Vale a pena fazer uma reflexão sobre o nosso tempo no mundo.

Pode parecer estranho, mas a noção de tempo é uma construção da mente de cada um.

Nesse sentido não nos assustemos. Podemos encontrar muita gente vivendo no passado – seu comportamento, seus conceitos, seu modo de vestir, todo seu repertório de desejos situa-se décadas atrás –; não é saudosismo, é claramente um comportamento correspondente ao seu passado, nem se trata de um

demente ou alguém que, como os portadores da doença de Alzheimer, só mantém como memória o seu conhecimento do passado. Esses a quem me refiro não se ajustam a nada da modernidade do seu tempo, nem aos seus costumes, nem aos seus computadores e *smartphones*.

Esse relato é interessante para quem estuda o fenômeno da morte e a situação dos Espíritos no post mortem. Há centenas de milhares deles vivendo no passado, com sua mente prisioneira de situações de que eles teimam em não se desvencilhar, Espíritos que abandonaram o corpo físico, mas teimam em permanecer “vivos” no seu tempo.

Estejamos atentos para evitar ideias fixas, desejos persistentes, crenças inflexíveis, correndo o risco de cristalizar nossa mente no passado.

Lição de casa:

Espíritos da grandeza de Jesus conseguem ser “um homem do seu tempo” em qualquer época da Humanidade.

Capítulo III

Memória extracerebral

No modelo atual de compreensão do cérebro nossas memórias são construídas a partir de estímulos que atingem nossos sentidos criando um aprendizado.

Já foi descrita mais de uma modalidade de memória. Vamos referir-nos aqui a 4 delas, fundamentais para o nosso estudo:

Memória de trabalho

É a que nos permite desempenhar um determinado compromisso no supermercado.

Memória semântica

É o conjunto de conhecimentos que aprendemos sobre as coisas e o mundo.

Memória episódica

São as lembranças dos acontecimentos vivenciados particularmente por nós, como, por exemplo, onde nascemos, onde passamos as últimas férias, em que faculdade nos formamos.

Memórias de procedimentos

São nossas habilidades para andar de bicicleta, para digitar no computador ou para dirigir um automóvel.

Adquirimos memória após um estímulo de qualquer natureza nos atingir.

São exemplos:

Tocamos na panela e percebemos que está muito quente.

Frequentando várias vezes a cozinha vamos aprender a reconhecer todos os utensílios que eventualmente nos podem queimar as pontas dos dedos.

A anatomia da memória, simplificada, pode ser compreendida em 3 estágios de complexidade:

Quando recebemos um estímulo, por exemplo, percebendo um certo perfume no ar, nossas áreas olfativas são afetadas. Essas informações atingem o hipocampo, onde serão comparadas com outras experiências semelhantes e, na terceira fase, tudo que detectamos naquele momento se espalha por diversas áreas do cérebro. A intensidade do perfume, o local onde estávamos, as lembranças que o cheiro nos sus-

citou e outras percepções ali ocorridas, como a presença de uma pessoa conhecida.

Tudo isso será registrado em áreas diferentes do cérebro e, em uma nova ocasião, quando cruzarmos com a mesma pessoa, poderemos lembrar-nos da fragrância do perfume que ela usava naquele primeiro encontro.

Definitivamente, para ocorrer uma memória é preciso haver um conjunto sequencial de fenômenos: o estímulo, sua percepção, seu registro, sua comparação com ocorrências anteriores, seu armazenamento e posteriormente, quando necessário, o seu resgate.

Metaneurologia da memória

Sempre que nos lembramos de uma determinada ocorrência em nossa vida, resgatando o que acumulamos sobre o fato, costumamos fazer, a cada vez, um relato diferente, com mais ou menos detalhes.

Por exemplo: vamos assistir a uma partida de futebol em um estádio famoso na capital.

Daí a alguns anos, muito pouco nos sobrou de detalhes desse episódio, mas, sob forte concentração ou *sob hipnose*, podemos resgatar detalhes do dia da partida, com quem fomos ao jogo, que ônibus nos levou até lá, qual a lotação do estádio, quanto foi o jogo e quem marcou os gols.

Que dizer sobre a localização anatômica dessas memórias? Nos nossos neurônios? Em um outro cérebro? No corpo mental? Elas são regatadas pelo mesmo mecanismo comum às nossas lembranças corriqueiras?

Nossa hipótese é de que temos um Corpo Mental (ou Perispírito, conforme a proposta de Allan Kardec) que percebe os fatos sempre no “presente” e não como coisa passada. Ele está lá de novo, revive a experiência como se estivesse no local onde ela ocorreu no passado. É por isso que somos capazes de relatar as ocorrências com detalhes ampliados, até enriquecidos de elementos que não parecem ter sido registrados na primeira oportunidade em que ocorreram.

Capítulo IV

Transições para novos paradigmas

Um estudo sem compromisso

A Terra é redonda, gira em torno do Sol, os corpos caem por ação de uma força gravitacional, existem crateras na Lua e satélites em volta de Júpiter, o Universo está em expansão, o corpo humano é uma máquina cujo mecanismo podemos compreender, o átomo não é indivisível, energia e matéria são reversíveis

Todas essas afirmações que produziram mudanças no pensamento sobre o mundo nos conduziram a um novo paradigma científico, não sem provocar um intenso choque cultural na ocasião em que foram enunciadas.

Que mudanças podemos esperar para o futuro?
Estaremos preparados para aceitá-las ?

Aqui estão algumas delas:

1 - Há um mundo espiritual à nossa volta com o qual manteremos intenso intercâmbio de informações.

2 - Há outras expressões da energia para as quais ainda não temos instrumentos para registrar sua presença.

3 - A evolução fundamental é a evolução da Alma, que vem repercutindo e de alguma maneira determinando nossa evolução biológica.

4 - Há muito mais experiências ao nível psíquico do que na dimensão material, mas ainda não temos instrumentos que registem sua ocorrência e intensidade.

5 - A causa dos fenômenos psíquicos transcende o mundo físico – são extrafísicas, espirituais.

6 - A Ciência espiritual deve assumir prioridade sobre a Ciência física.

7 - As sensações dos 5 sentidos serão ampliadas pelas experiências espirituais – essas nos permitem perceber a história e o significado de cada objeto: o nosso relógio, além de mostrador das horas, contém nossa história de vida com ele.

8 - O corpo físico é limitadíssimo comparado ao corpo espiritual – é este que contém nossa história filogenética em toda a sua extensão.

9 - As quatro dimensões físicas serão ampliadas para um Universo multidimensional.

10 - A personalidade única será substituída pela personalidade múltipla em decorrência de múltiplas vidas ou existências que já tivemos.

11 - O conceito dualista Cérebro e Mente (Corpo e Alma) será complementado para a admissão de três elementos: cérebro, corpo mental e mente – nesse corpo mental estão situados os arquivos definitivos de nossas memórias.

Capítulo V

A audição

Como escutamos com o corpo mental

No dia a dia escutamos uma enormidade de sons que percorrem o espaço à nossa volta. A importância de cada um depende do nosso interesse pessoal em ouvi-los.

Por outro lado, temos obrigatoriamente de estar atentos a uma buzina de um automóvel que passa perto, ao grito de um amigo que nos chama de longe, ou a uma explosão no prédio ao lado.

Na maior parte do tempo não percebemos que tocou o sino da igreja, ou que acaba de passar um ônibus, ou que a televisão de uma loja está ligada, ou

que dois jovens passam falando do último jogo do seu time de futebol.

Por outro lado, não é difícil sabermos que chegou a hora do recreio quando a campainha do colégio toca, ou que esse ruído característico indica que o nosso avião acaba de pousar.

Nossa audição dispõe de uma seletividade que nos permite ouvir a voz do filho na gritaria da criançada na festa de aniversário. Nossa audição pode, também, dividir-se facilmente; conversando com amigos distraidamente presentes num coquetel, voltamos imediatamente a nossa atenção para quem, mais ao longe, está falando o nosso nome.

No corpo mental a audição não é determinada só pela atenção. Assim como o badalar do sino nos traz um significado avisando que é hora da missa, o corpo mental é afetado por chamados que podem ter significados complexos. O que ouvimos tem relação, compromissos, deveres, obrigações ou mais gravemente perseguições e cobrança. São vozes que cobram, avisam, denunciam, recordam, convocam.

O alcance do ouvido humano é extraordinário. Podemos ouvir um trovão que ocorreu a 25 km de distância, enquanto que um elefante ouve o ruído de chuva que cai a 250 km de onde ele está.

O corpo mental não sofre restrição de distância, e desloca sua audição para qualquer lugar que escolhe, conforme sua necessidade ou escolha. Há um “fluido”

que o liga ao ponto onde ocorre o ruído que pretendeu escutar.

Da mesma forma, não sofre limitação de tempo. O passado pode ser perscrutado permitindo-lhe recapitular um diálogo ou um ruído em particular ocorrido em qualquer época recente ou remota. Nos processos psicóticos esses fatos podem exacerbar-se.

Capítulo VI

A visão

Como enxergamos com o Corpo Mental

Nós enxergamos um objeto quando ele recebe uma incidência de luz que reflete os seus raios em nossa retina. A partir daí o estímulo luminoso passa a funcionar como uma corrente elétrica, primeiro nos nervos ópticos e depois no próprio cérebro. A imagem que chega ao córtex visual, na região posterior do cérebro, divide-se estimulando neurônios, em áreas específicas, as propriedades dos objetos: sua cor, sua forma e seu movimento. Esse conjunto de informações, que são registradas nos neurônios corticais (do córtex occipital e parietal), provoca uma interpretação, um significado, que nos permite reconhecer se esse

objeto já é nosso conhecido, se já sabemos que objeto é esse e o que ele significa para nós.

No corpo mental a fisiologia é particularmente mais complexa e eficiente. Nossa mente detecta o objeto sem a necessidade de luz. São vibrações particulares que todo objeto apresenta; tudo que há no Universo vibra de uma maneira particular com suas características específicas, permitindo à nossa mente reconhecê-lo de pronto, como fazemos com o olho físico que nos favorece enxergar neste plano físico o lugar onde caminhamos.

Mas outras particularidades acompanham a visão no Corpo Mental – sua capacidade de enxergar não sofre limitações por obstáculos físicos. Pode enxergar além das paredes. Não sofre restrição de distância – enquanto nosso olho físico nos permite enxergar o brilho das estrelas, nossa visão mental pode acessar objetos físicos em qualquer ponto do planeta. Não há também limitação no tempo; nossas memórias e nossas percepções podem expandir-se permitindo o registro de cenas no passado e no futuro.

Ainda estamos iniciando nossos conhecimentos sobre as propriedades da visão no Corpo Mental, mas os aspectos aqui apontados já são constatados experimentalmente e nos falta apenas conhecer o mecanismo exato que possibilita esses talentos.

Na hipótese espírita, o que favorece a possibilidade de visão sem luz, visão a distância e percepção além do tempo, é a existência de um "fluido" que preenche todo o Universo e dá características especiais à matéria e ao Corpo Mental.

Capítulo VII

Uma visão espiritual do cérebro

As novas áreas

O estudo de crânios fósseis está acumulando revelações surpreendentes sobre o cérebro de animais que viveram há milhões de anos. Essa nova especialidade, a neuropaleontologia, estuda pequenos sinais marcados no crânio desses animais. A expansão do cérebro com o uso predominante da mão direita, o aprimoramento da visão em detrimento do olfato, a capacidade de produzir ferramentas e o desenvolvimento das áreas da linguagem, reflete no crânio mudanças em determinadas áreas que podemos observar mais tarde, milhares de anos depois.

A partir da década de 1970 os cientistas perceberam que poderiam estudar o cérebro visualizando seus mecanismos biológicos. Fenômenos tão complexos

como a memória, a atenção e a linguagem passaram a ser analisados a partir dos neurônios, suas sinapses, os neurotransmissores, as redes neurais e os sistemas modulares comprometidos com essas funções. Foi criada assim a neurociência cognitiva, cujo propósito é revelar quais fenômenos biológicos acontecidos no cérebro estão relacionados a determinados fenômenos psicológicos.

Por outro lado, analisando comportamentos que ocorrem em animais de diversos níveis evolutivos, os estudiosos criaram a psicologia evolucionista e, quantificando a participação do patrimônio genético ligado a esses comportamentos, desenvolveu-se a genética comportamental.

O progresso nas neurociências está revelando funções cerebrais jamais suspeitadas. Até mesmo a espiritualidade, que se revela em matizes variados em cada um de nós, está sendo estudada cientificamente. A neuroteologia vem identificando a atividade cerebral que se relaciona a esse tipo de sentimento.

Como estudar o cérebro.

O cérebro trabalha mobilizando múltiplas funções, integrando-as e organizando-as dentro de um sistema hierarquizado. Um fenômeno simples, como sentir o efeito da picada de uma agulha, tem um local anatômico preciso numa região cerebral ligada à sensibilidade dolorosa, mas sua repercussão psicológica mobi-

liza diversas áreas. Por outro lado, funções complexas como a linguagem, o cálculo, a escrita, a memória e a tomada de decisões, exigem desde seu início a integração de várias regiões anatômicas e cada um desses procedimentos pode recrutar caminhos diversos para sua execução.

A interpretação de cada um dos fenômenos cerebrais que conhecemos ainda exige o raciocínio reducionista usado pelo método científico. Numa determinada área cerebral que motiva nosso interesse, podemos estudar as vias de entrada e saída dos seus feixes de fibras nervosas e ampliar com o microscópio o estudo dos seus neurônios. O neurônio, por sua vez, nos revelará suas membranas, seus receptores e sua química que dispara a comunicação com seus milhares de vizinhos. A composição química dos neurotransmissores já está identificada em dezenas de substâncias que os compõem. Já temos métodos bioquímicos para identificar sua produção e distribuição em regiões particulares do cérebro. Conhecemos, por exemplo, por onde circula a serotonina, a noradrenalina e a dopamina em diversas regiões cerebrais.

No estudo das funções complexas a que já nos referimos, podemos seguir, também, o caminho inverso. Agregamos funções de diversas áreas na tentativa de compreender toda a complexidade que envolve o fenômeno. A memória e a linguagem são ótimos exemplos para exigir nossa reflexão sobre sua apresentação multiforme.

O que nos faz lembrar e esquecer? Por que a criança expande tão rapidamente o seu vocabulário e o adulto tem enorme dificuldade de aprender uma segunda língua? Como conseguimos lembrar-nos de um rosto familiar no meio de uma multidão?

As diversas áreas das neurociências estão, reconhecidamente, produzindo um avanço extraordinário na interpretação do cérebro e da mente, entretanto ainda estão longe da fronteira final.

A Física já se consolidou com teorias que funcionam muito bem no seu papel de explicar o mundo físico. A relação de identidade entre energia e matéria unificou princípios fundamentais entre essas teorias.

A Biologia já construiu seus fundamentos básicos ao descobrir a célula, a evolução das espécies e o DNA, mas a psicologia, pretendendo estudar a mente, só produziu até agora teorias provisórias e nenhuma com certificado de validade. Temos de reconhecer que ainda estamos longe de contar com uma teoria unificadora para explicar a mente.

Quando escrevi sobre o Corpo Mental tive a intenção de trazer para a neurologia um estudo clínico que pode introduzir um novo paradigma no conhecimento da mente. Sem qualquer presunção, estou chamando esse conhecimento de **metaneurologia**.

Funções cerebrais

Vamos considerar as funções cerebrais cujos mecanismos já estão razoavelmente conhecidos:

A visão de um objeto

A luz que reflete nesse objeto se projeta aos nossos olhos sinalizando os neurônios na retina. A partir daí o estímulo nervoso percorre via anatômica que leva esse estímulo até ao córtex visual. Distribuídos em camadas concêntricas como uma casca de cebola, os neurônios codificam em áreas próximas cada uma das particularidades do objeto visualizado. Assim é que temos um local específico para ver a forma do objeto, outro local para ver sua cor e outro ainda para perceber seus movimentos. Esse objeto pode ser, por exemplo, a mão de alguém nos chamando. Depois disso temos pela frente um grande enigma: como o cérebro junta essas informações decompostas – a forma, a cor e o movimento, em um único objeto, acompanhado do seu significado, ou seja, o reconhecimento de um objeto que nos é familiar ou não.

Vamos falar da memória

Todos sabem que temos uma memória de curto prazo, que nos serve para as resoluções do cotidiano. Qual o nosso compromisso hoje? O que acabamos de ver na televisão? Quando minha mulher perguntou, que hora eu disse que voltaria para casa?

Temos também uma memória de longo prazo. Quem são meus pais? Onde nasci? Que remédio eu uso para dor de cabeça? Essa memória pode ser resgatada parcialmente a partir de certo esforço. Podemos lembrar-nos de cenas que vivenciamos na última viagem de férias. Outras vezes essa memória é traiçoeira e nos deixa na mão, não nos permitindo lembrar o nome de um amigo.

Estudos sistemáticos sobre o resgate de memória têm confirmado que todo relato de fatos memorizados está impregnado de imaginação. Podemos confirmar, também, que a gente não se lembra do que aconteceu; na verdade, lembramo-nos do que pensamos ter acontecido. Os cientistas da mente estão usando a expressão “facção” para nomear essa mistura de fatos com ficção. E nossa memória é generosa em criar essa mistura explosiva.

A linguagem falada

Em 1867, Paul Broca confirmou que o giro frontal inferior do hemisfério esquerdo está relacionado com a emissão da linguagem falada e, alguns anos mais tarde, Karl Wernicke relacionou a compressão da linguagem a uma área situada um pouco mais atrás, no lobo parietal esquerdo. A partir daí, com acréscimos de eminentes neurologistas como Pierre Marie, ficou delimitado um “quadrilátero”, com estruturas corticais e subcorticais relacionados com nossa capacidade de

revelar nosso pensamento pela linguagem falada e sermos compreendidos pelos que nos ouvem.

Depois dos trabalhos de Noam Chomsky, sabemos que a criança nasce com um módulo gramatical que lhe facilita aprender qualquer uma das línguas humana. O estímulo do ambiente e a cultura de cada povo vão acrescentando o vocabulário que sedimenta na criança a língua materna.

A escrita

Atividades motoras simples, como estender a perna, podem ser realizadas com o reflexo patelar, envolvendo teoricamente dois neurônios – um para estimular o reflexo e outro para elaborar a resposta. Apertar a mão já exige certa dose de intencionalidade e escrever um texto implica uma capacidade especial para se criar uma ideia, produzi-la em um texto com palavras e utilizar-se de um instrumento como a caneta ou o computador para transcrevê-lo.

O diálogo humano

Manter uma conversação com um amigo que acaba de chegar vai nos obrigar a mobilizar uma série de ideias e transmiti-las em palavras. Esse amigo pode perguntar: “Que carro você tem agora?” Nós, quase que imediatamente, respondemos: “Um Honda Civic, cor verde”. Daí a pouco nós dois escutamos a voz da

esposa fazendo a correção: "O Honda verde era o carro do ano passado, agora temos um Honda preto". Fomos, como se vê, traído pela distração e pela falha da memória.

Os sonhos

A neurologia já nos esclareceu os ritmos pelos quais transitamos durante o sono e alguns mecanismos químicos ligados a ele. Já foram identificados centros no hipotálamo que estimulam o lobo frontal mantendo-nos acordados e núcleos de neurônios situados na ponte que nos induz ao sono. Sabemos, também, que durante alguns períodos de sono os olhos se movimentam, revelando que nesse instante estamos sonhando.

Dormir e sonhar são indispensáveis à nossa própria sobrevivência. Conseguimos ficar mais tempo sem comer do que sem dormir. O sonhar está intimamente relacionado com a consolidação das memórias. A nossa véspera não será lembrada se não dormirmos e produzirmos sonhos, alguns deles ligados aos últimos momentos da festa que nos animava.

O estudo da mente

Grande parte da atividade cerebral é fácil de ser reconhecida e definida. Por exemplo, reflexos são respostas que o sistema nervoso produz reagindo a estí-

mulos. Comportamentos podem ser reduzidos a um conjunto de atitudes. Emoção é um estado de humor.

Quando vamos definir mente, não haverá, porém, termos competentes nem acordo entre os especialistas. Classicamente a mente é vista como um conjunto de funções complexas que inclui memória, percepção, linguagem, consciência e emoção. De qualquer maneira, a mente é produto de atividade complexa do cérebro.

O Corpo Mental ou Perispírito

A neurologia entende que para todos os fenômenos psicológicos existe um substrato biológico que se revela na atividade cerebral. Neurônios que se despolarizam, circuitos que se organizam em redes, áreas cerebrais que se especializam em movimentos e sensações, e regiões que se agrupam compondo funções mais ou menos complexas construindo a memória e compondo a linguagem. A mente seria resultado iminente dessa atividade complexa do cérebro. Sem o cérebro não existiria a mente.

Nossa proposta sobre o "corpo mental" se baseia em evidências clínicas. Exemplos neurológicos sugerem a existência de um corpo que compõe, constrói e expressa os fenômenos da mente. Com a "metaneurologia" pretendemos sedimentar a ideia de que podemos investigar e acrescentar, paulatinamente, conhe-

cimentos sobre a anatomia e a fisiologia desse “corpo mental”.

A neurologia conseguiu fragmentar diversas funções cerebrais. Sabemos, por exemplo, onde o cérebro decodifica as características físicas de um objeto, mas não sabemos como o cérebro faz a integração dessas informações. Como o cérebro integra nossas memórias para nos fornecer uma identidade única e permanente?

O “corpo mental” pode resolver todas essas questões.

A investigação do que ocorre em quadros clínicos como na histeria, no transe sonambúlico, na narcolepsia, no membro fantasma, nos permite acreditar na existência de uma fisiologia específica desse “corpo mental”. Assim, podemos considerar que ele não se aprisiona nos limites do nosso corpo físico, não se restringe aos circuitos e vias da anatomia cerebral, e circula por ambientes que transcendem a realidade física que conhecemos.

A mente

Temos como hipótese que a mente é uma entidade que se corporifica numa estrutura organizada que denominamos “corpo mental”. Esse corpo tem existência extracerebral e propriedades que se diferenciam das funções cerebrais conhecidas.

A semiologia neurológica, analisando determinados quadros clínicos, pode revelar funções que confirmam claramente a existência do "corpo mental". Podemos perceber que a fisiologia do "corpo mental" nos dá informações confiáveis que o situam para além do cérebro físico. Explorando suas memórias podemos reviver claramente o passado. Confirmamos que sua sensibilidade é afetada pela vibração das substâncias. Sua forma de percepção nos possibilita contato com o conteúdo e significado dos objetos, mais do que com a forma, e a linguagem se processa pela transmissão de ideias.

O "corpo mental" inaugura um novo paradigma para a neurociência clínica.

Capítulo VIII

Vivências parapsíquicas

Joyce tem 31 anos e desde criança luta com uma situação perturbadora que a faz ficar confusa e impotente para dominar seus pensamentos. Sentindo-se ridicularizada, amedronta-se e se vê forçada a se isolar. Tudo acontece na sua mente ao nível dos seus pensamentos. De um momento para outro ela começa a vivenciar uma mudança interna que a coloca em uma situação diferente – flui em sua mente uma nova interpretação da realidade, relatando aquele momento que vive com outro discurso.

Não há metáforas ou comparações que possam lhe servir de exemplo para nos esclarecer com exatidão o que se passa com ela – então tenta fazer relatos de episódios que já vivenciou nesse novo ambiente mental.

Ela muda a versão do cotidiano que vive:

No trabalho, ela diz ser amiga dos chefes com quem desfruta de privilégios.

Quando o assunto é viagem, diz que esteve em Nova York.

Fala de competências que nunca teve.

Conta experiências pelas quais não passou.

Descreve posses de objetos que na verdade não possui.

O relato não é feito para levar vantagem, como o fazem os mentirosos.

Não é uma fábula construída para se livrar de alguma culpa ou esconder algum segredo.

Não há referências condenatórias ou indicação de perseguição delirante.

Sua personalidade não revela timidez, agressividade ou hipocondria, ela apenas vai fechando-se em seu próprio mundo em função de ela mesmo perceber que seus relatos são irreais.

Não apresenta oscilações do humor e nada que possa indicar crises epiléticas, fobia ou ansiedade.

Sua inteligência é normal e sua cultura é de nível universitário.

O quadro vem se mantendo por décadas e flui com maior intensidade se introduzimos um determinado

tema para discussão e lhe damos liberdade para produzir sua versão da realidade que vivencia nessa hora.

Deu-nos a impressão de que ela não cria por sua própria conta, não mente, não fabula nem delira, e o conteúdo do seu discurso não é repetitivo e perturbador como nos transtornos obsessivos; simplesmente, ela vivencia uma experiência diferente como se estivesse mentalmente em outro ambiente, para além da nossa percepção.

Capítulo IX

A visão do duplo

Desde os 8 anos essa jovem preocupa a mãe com suas perturbações. Ela é falante, extrovertida, faz amizade fácil, mas os parentes a consideram mentirosa por causa das histórias que inventa. Frequentemente ela não dorme direito dizendo que tem pesadelos.

As histórias que conta, na verdade, são visões que ela relata, pois "se vê em um lugar diferente de onde está".

Vejamos alguns exemplos:

Andando de ônibus ela se enxerga do lado de fora, na esquina ou ao lado do sinaleiro.

Andando na rua ela se vê no passeio do outro lado.

Em qualquer ambiente pode acontecer de ela estar noutro canto da sala ou noutro cômodo da casa.

Interessante que ela já notou detalhes nesse outro “corpo que não correspondem ao seu próprio corpo físico”: às vezes o rosto é mais fino, ela pode ser mais alta que a imagem projetada na sua visão e usa roupas diferentes da sua.

Quando ela dorme, tem as mesmas visões desse seu outro corpo – e quando acorda a visão do duplo permanece.

Um pouco mais complicado é que ela vê também o duplo de outras pessoas: seu irmão está na sala e ela o vê na rua de frente de sua casa.

Para que não haja dúvida das suas funções mentais, ela é lúcida, convincente em seus relatos, não sofre nem sofreu qualquer fenômeno psicótico ou epiléptico e essas percepções não a afetam emocionalmente.

Essa jovem cursou uma faculdade e trabalha normalmente em sua profissão.

A “visão do duplo foi relatada por Goethe, o famoso escritor alemão, e a bicorporeidade é fenômeno conhecido na literatura espírita – vale a pena estudar esse fenômeno que a Neurologia ainda ignora.

Lição de casa:

Nossa mente não é prisioneira do cérebro e nosso Corpo Mental pode circular pelo ambiente extrafísico em que estamos mergulhados com mais ou menos consciência do fenômeno.

Capítulo X

O que há entre nós e o mundo?

Apesar de algumas teorias proporem que emoção e pensamento são gerados pelo cérebro, o cérebro não é capaz de provar que pensa ou que sente, como a mão não prova que é ela quem aperta, nem as pernas não provam que são elas que andam, nem os olhos provam que são eles que veem, nem os ouvidos que são eles que ouvem.

O menino que solta sua pipa prova que é ele quem balança seu brinquedo quando faz um vai e vem com sua linha

Chacoalho o badalo do sino produzindo o repicar de um chamado que ouço ao longe.

Movimento o arco do violino produzindo os acordes de uma serenata que me emociona, me encanta.

Pedalo minha bicicleta sentindo as forças das pernas e o vento das campinas no rosto.

Termino a última pincelada do quadro e agora vejo que está nítido na tela o escorrer das águas da cachoeira.

Lição de casa:

Não é difícil perceber que entre meu cérebro e o mundo existem a consciência, a mente ou simplesmente o meu eu desfrutando dele.

Capítulo XI

Estudando o cérebro

Informações preliminares

Os últimos anos foram extremamente férteis no estudo do cérebro. Usando equipamentos sofisticados foram identificadas áreas cujas funções são surpreendentes.

Descobriu-se, por exemplo, que:

Existem áreas do cérebro ligadas especificamente ao julgamento moral e à espiritualidade.

Olhando alguém que está sofrendo dor, o cérebro de quem o observa também põe em atividade neurônios da área sensitiva, como que compartilhando essa dor.

Fazer exercícios físicos ativa grupos de neurônios nas áreas motoras. O que surpreende é que a simples "imaginação" da mesma atividade física, também ativa esses mesmos neurônios.

Sempre se acreditou que o adulto não produzia novos neurônios e hoje isso já é aceito como possível, particularmente, nas regiões do hipocampo – área do cérebro relacionada com a memória.

Levamos com o perispírito alguns tipos de neurônios?

Algumas informações confirmadas pela Ciência são necessárias que sejam revistas por nós, para compreendermos essa questão.

Os neurônios estão sempre numa atividade frenética. A cada instante que se mede em milissegundos, estamos realizando trocas químicas e enviando receitas genéticas que constroem um novo padrão de receptores nas membranas celulares desses neurônios. Nossa vida mental está, portanto, inteiramente registrada nos impulsos químicos das células cerebrais e nas redes neurais que elas organizam. Penso eu que no ser encarnado existe uma correspondência entre os neurônios do corpo físico com os do perispírito. Se assim não fosse, viveríamos duas personalidades.

Imediatamente após a morte corpórea, as informações do cérebro físico serão transferidas integralmente para o corpo espiritual. Nessa fase contaremos

com a mesma rede de neurônios de que dispúnhamos no corpo físico. Foi por isso que sugeri que “levaremos” nossos neurônios para a vida espiritual que nos acolhe depois da morte. Posteriormente, os “arquivos mentais” do perispírito se ampliarão, resgatando antigas informações de outras vidas, por mecanismos que ainda desconhecemos.

Doenças no Cérebro

Acabamos de falar que os neurônios físicos são células que “levaremos” no perispírito após o desencarne, isso inclui seus registros e suas informações?

Como ficam, então, os neurônios de alcoólatras e/ou drogados? Pela Ciência, são regenerados em vida ou não? Neurônios se regeneram?

As informações de André Luiz nos dão conta de que o Corpo Espiritual dos desencarnados prescinde de uma série de órgãos que para o corpo físico são fundamentais. A massa muscular e o aparelho digestório sofrem sensível regressão intensa.

Por outro lado, o cérebro não poderia sofrer restrição após o desencarne, pelo simples fato de comprometer nossa integridade mental.

No caso de lesões que nós mesmos provocamos, ao nos comprometermos com vícios acumulados inadvertidamente – como é o caso do alcoolismo ou da drogadição – estaremos fixando no perispírito um da-

no cerebral que exigirá, mais cedo ou mais tarde, reconstrução anatômica que, talvez, só a bênção de uma nova encarnação poderá facilitar.

O nosso patrimônio neurônio físico/perispiritual merece um zelo que ainda não sabemos dimensionar.

Estimulando o cérebro

Hoje em dia, já está comprovada a possibilidade da regeneração de neurônios. Já conhecemos alguns fatores químicos que estimulam o crescimento dos neurônios e tanto o aprendizado novo como o exercício físico atuam facilitando a regeneração de neurônios nas regiões do hipocampo, região especializada no arquivo de memórias.

Os neurônios ficam no perispírito ou seria no corpo mental?

Allan Kardec optou pela simplificação desses termos e, em toda a sua obra, faz referência quase exclusiva ao perispírito quando se refere ao nosso "envoltório espiritual". André Luiz, em especial, nos esclarece algumas particularidades fazendo distinção entre o perispírito, o corpo mental e o corpo etéreo, que seriam então elementos distintos entre si. Com frequência os termos são usados como representando a mesma coisa, quando, na verdade, se referem a estruturas distintas.

Didaticamente é melhor seguir Kardec. Para usar a linguagem da informática, diríamos que nosso perispírito teria, então, uma conexão anatômica “compatível” com o nosso corpo físico, e nele – perispírito – encontraremos o correspondente espiritual dos neurônios físicos.

Desenvolvimento do Cérebro

Já nascemos com uma quantidade fixa de neurônios para aproveitar ou “queimar”?

Curiosamente, nascemos com uma quantidade muito maior de neurônios do que os que vamos usar durante a vida toda. Logo após o nascimento ocorre uma perda contínua e enorme daqueles neurônios que não fortaleceram suas ligações sinápticas – são trilhões de contatos químicos que precisam ser estabelecidos, por isso é importante a estimulação da criança, principalmente nos primeiros anos de vida, justamente para que ela proceda à construção das redes sinápticas, que lhes serão fundamentais para sua vida mental futura. Nessa ocasião, o vínculo materno exerce um efeito protetor incomparável.

Novos neurônios

Como dissemos, já é aceito que na vida adulta ocorre também a produção de novos neurônios. Essa, porém, não é a regra para todo o cérebro, pois a re-

posição de neurônios ocorre comprovadamente no hipocampo, região ligada às nossas memórias.

A leitura, os exercícios físicos saudáveis, trabalhos manuais, uma vida mental sem estresse, períodos de férias repousantes, atividade solidária e fraterna com o próximo, alimentação compatível com as necessidades básicas, vitamina E, ácido fólico, ômega 3, envolvimento sincero com a espiritualidade – eis recomendações já comprovadas que garantem benefícios aos nossos neurônios e à construção dessas redes.

Lição de casa:

Toda atividade física ou mental tem seu correspondente na atividade de neurônios em alguma área do cérebro. Está comprovado que durante as fases de depressão grave o hipocampo perde neurônios e quando os antidepressivos corrigem a química dos neurotransmissores o hipocampo constrói outros neurônios que atuarão na cura do processo depressivo.

Nós, espíritas, temos na neurologia um magnífico campo de estudo para compreender muito do que nos ensina a Doutrina Espírita.

Ideias fixas que nos aprisionam a mágoas e ressentimentos persistentes têm um efeito deletério sobre nosso cérebro e, não nos convém mantê-las por mais tempo.

O pensamento negativo que nos imobiliza pela depressão pode causar danos irreparáveis ao cérebro, comprometendo nossa vida mental para sempre. Pensar ou imaginar com persistência criam padrões de neurônios que nos podem ajudar ou prejudicar.

A oração não é apenas uma mensagem imaterial, ela também modifica a química e a estrutura funcional dos nossos neurônios. Aprender coisas novas, adquirir talentos, exercitar o bem ampliam as redes de conexão entre os neurônios. Comprometer-nos com vícios, consolidar crimes ou vinganças, exigir posses indevidas, impor opiniões deixam marcados impulsos que os neurônios fixam para sempre.

A distância entre imaginar e desejar é muito pequena. Pensar e agir estão mais próximos do que parece. Precisamos rever nossos desejos ocultos, nossas intenções não concretizadas, as pequenas maldades disfarçadas, os gestos de boa intenção que não se concretizam nunca, o perdão que insistimos em adiar, a ajuda ao próximo que fica sempre para depois. Todas essas atitudes já estão impressas em neurônios do nosso cérebro e nos comprometem enquanto não se resolvem.

A meditação sinaliza nos neurônios um padrão novo de conexões que podem ser muito benéficas para a nossa vida mental. Devemos estimular a sua prática, aliada às orações que fazemos.

Capítulo XII

Consciência

Como uma função física e psíquica

Tomar consciência fisicamente significa estar focado para perceber o que ocorre dentro e fora de nós e tomar conhecimento de um fato ou um objeto. Todo esse processo ocorre no cérebro, necessitando de múltiplas áreas e iniciando-se na substância ativadora do tronco cerebral que nos mantém em estado de alerta.

Psiquicamente, uma motivação mais ou menos forte acrescenta o conteúdo emocional para qualquer episódio ou momento percebido.

Todos esses momentos são memorizados e podem, de uma hora para outra, aflorar de novo com o mesmo vigor emocional. Nossa consciência enquanto fenômeno neurológico tem uma limitação espacial e temporal. Só podemos estar conscientes no aqui e no

agora.

Consciência como uma função mental

Como defendo a existência de um Corpo Mental, entendo que está nele a fonte que ilumina o cenário que nos deve afetar – ele determina onde projetar os recursos da atenção e que emoção cada coisa ou acontecimento vai provocar-nos.

O corpo mental ao tomar consciência de um objeto toma posse dele, apropria-se das propriedades do objeto e dos fatos a ele relacionados. Ao vermos um relógio o corpo mental toma conhecimento da sua forma, das horas, das suas propriedades e por quais mãos e lugares passou esse relógio.

Não há limitações nem no espaço nem no tempo para a consciência no corpo mental. Experiências com a hipnose confirmam um estado pleno de consciência num ambiente distante ou num tempo vivenciado anteriormente, para onde, por efeito da sugestão, esse indivíduo é projetado experimentalmente.

Capítulo XIII

Estou sonhando

Imaginação e a metacognição

Certa vez uma paciente me ensinou que o sonho é a gente mesmo que faz. Parece que isso, frequentemente, é verdade.

Uma preocupação que nos incomoda de dia repercute no conteúdo anárquico do nosso sonho à noite.

A visita surpresa de um parente querido o faz ser personagem do sonho agradável naquele dia.

O jantar pesado ou tenso povoa o sonho de monstros, brigas, sexo e tragédias.

Esse tipo de sonho é uma construção imaginária que nossos neurônios constroem várias vezes todas as noites – tem função de reposicionar nossas memórias.

O problema é que a maioria de nós tem amnésia

imediate, nossas imagens desaparecem assim que despertamos. É como se o arquivo dos sonhos não usasse a tecla de salvar quando a gente acorda, pois o cérebro não guarda o texto que imaginou sonhando.

Sonhos lúcidos

Para algumas raras pessoas, ou a maioria de nós em algumas raras ocasiões, temos preservada a consciência em sua total plenitude durante os chamados "sonhos lúcidos".

Eles são mais comuns justamente nas pessoas que habitualmente se lembram do que sonham.

Pessoas bem treinadas são capazes de movimentar os olhos ou mover os dedos sinalizando que estão conscientes de estarem sonhando com lucidez e isso pode ser comprovado por equipamentos de monitoramento num laboratório de sono.

A neurologia já aceita que nossa consciência vivencia vários estados de maior ou menor lucidez e já comprovou que o sonho lúcido é uma experiência real da consciência, um tipo de lucidez que pode ser chamada de metacognição.

O que precisamos comprovar, mais claramente, é se existe um outro "ambiente de experiência psíquica" para a nossa consciência – uma dimensão extrafísica ou espiritual.

É nesse ambiente que deve ocorrer tanto o sonho

lúcido como as experiências fora do corpo e as experiências de quase morte – fenômenos fartamente descritos nas últimas décadas.

Entretanto, a maioria dos pesquisadores deixa de investigar qual tipo de “corpo” estamos usando durante esses episódios e quais as propriedades desse “ambiente”.

Esse é um campo vasto de especulação que o futuro nos vai revelar com informações surpreendentes.

Capítulo XIV

Navegação astral

Aventuras do homem

O homem moderno conseguiu solucionar problemas de alta complexidade para frequentar e se deslocar em ambientes hostis, perigosos, mas frequentemente deslumbrantes.

É o caso do mergulho submarino, da estadia em cavernas profundas, da escalada nas montanhas do Nepal e da caminhada no espaço sideral.

Várias perguntas podem ser levadas em consideração:

É preciso algum preparo prévio para essas aventuras?

Somos obrigados a usar roupa especial para nossa caminhada?

O metabolismo e as necessidades fisiológicas são mantidas?

A alimentação nesse ambiente é possível? E em que ela consiste?

Existe alguma forma de comunicação dentro desses ambientes?

Desvendando o “espaço” espiritual

As regiões orientais há milênios ensinam com detalhes a existência de múltiplos corpos e diversos “planos” espirituais, mais superficiais ou mais profundos, por onde a alma pode transitar desprendida das amarras do mundo físico. Um treinamento intenso em meditação favorece esses deslocamentos.

O Espiritismo esclarece sobre a existência do perispírito e de dimensões espirituais em níveis evolutivos diversos.

A Ciência e as experiências fora do Corpo

Estudiosos de várias áreas têm-se dedicado às descrições das OBE.¹

¹ OBE - Out of body experiences: experiências fora do corpo.

Os relatos são fartos e partem de iniciantes, de estudiosos interessados nessa dinâmica exploratória da consciência e de experimentadores bem treinados que conseguem produzir a saída do corpo voluntariamente, vivendo uma experiência pessoal inigualável.

Propondo novas perguntas

Nesse ambiente espiritual ou extrafísico posso me locomover decidindo meus caminhos, minha velocidade?

Uso algum corpo diferente, especial?

Sinto as mesmas necessidades metabólicas e fisiológicas quando me encontro fora do corpo?

Posso encontrar outros personagens e estabelecer um diálogo com eles?

Nossa capacidade sensorial permanece igual?

Percebo as coisas, o ambiente e o passar do tempo com a mesma propriedade e competência?

Posso interagir e me comunicar com alguém que esteja no corpo físico?

Posso sinalizar fisicamente a minha saída do corpo?

Minhas sensações, percepções e interpretações que faço diante de certos ambientes

A percepção é uma interpretação que fazemos da realidade. Por isso, diante do mesmo estímulo, cada um faz a sua própria avaliação.

A maioria de nós já viveu situações deste tipo:

- Este lugar me lembra minha infância;
- Você tem o mesmo jeitinho do meu tio lá de Minas;
- Só de ver esta comida eu me sinto mal;
- Durante nossa viagem vimos lugares indescritíveis, nunca tinha visto nada tão bonito.

Disso se conclui que os poetas estão certos ao dizerem que a beleza está nos olhos de quem vê.

Afinal, o que se constata com as OBE?

O fenômeno de “estar fora do corpo” é tão comum que cerca de 10% da população adulta é capaz de relatá-lo com narrações que variam da fantasia a descrições comprovadas dos ambientes visitados, da possibilidade de ajudar enfermos ou sair da experiência melhorado em suas atitudes e crenças.

O que explica a OBE?

O fenômeno é aceito como verdadeiro, mas sem confirmação do que realmente ocorre.

Seria uma expressão complexa das nossas percepções psíquicas?

Seria uma competência parapsicológica mais ampliada?

Ou é mesmo um processo de projeção da mente ou da alma para fora do corpo físico?

O que há de fato nas OBE?

Não é um fenômeno para todos; são pessoas com características diferenciadas que as apresentam. Mas não existe nisso nada de misterioso ou de predestinação.

Trata-se de pessoas com facilidades psíquicas conhecidas:

São capazes de meditar profundamente;

São mais competentes para se lembrar de sonhos ou de que estão participando de um sonho lúcido;

São pessoas abertas a aceitar ideias e experiências não tradicionais de alterações da consciência;

Alguns entram facilmente em transe hipnótico profundo;

Não há ligação com doenças mentais, mas traços esquizoides podem ser aí verificados.

Lesões cerebrais, estresse intenso, uso de drogas, especialmente em rituais religiosos, interesse em cursos especializados em OBE são facilitadores da ocorrência objetiva do fenômeno.

Há provas para a OBE?

Mesmo sendo extremamente comum os seus relatos, é muito difícil um teste de comprovação, especialmente porque entram em cena atributos como alterações de personalidade, quadros dissociativos (histéria) ou talento parapsicológico (percepção extrassensorial).

Apesar de seu estudo ainda não permitir conclusão definitiva, as ocorrências de descrições caso a caso são extremamente curiosas e convincentes.

Um consegue acordar o seu gatinho dormindo na sala.

Outro consegue identificar a página de um livro que viu no desprendimento.

Uma italiana marca a parede com manchas de seu próprio sangue.

Outros fazem descrições de objetos fora da sala de cirurgia onde se desdobraram.

Proponho que uma fotografia na hora da "saída" do corpo poderia enriquecer a experiência.

Estudando a Metaneurologia, nosso interesse é a comprovação da existência de um outro corpo – o corpo mental – ou, para nós espíritas, o termo perispírito, que nos parece mais correto.

Lição de casa:

Jesus apareceu aos seus discípulos e Tomé só acreditou quando viu suas feridas (João 20:27).

É assim que permanece a maioria de nós; enquanto não pusermos os dedos nas Suas feridas, não acreditaremos.

Fim